

PORANDUBAS 13

“Do tupi, porã'duba; pergunta, notícia, informação, relação” (Aurélio)

Boletim Interno

Órgão a serviço da Pontifícia Universidade Católica de S.Paulo-Ano II N° 13 - Agosto, 1978 - Sala de Comunicação 28-A

BAIRRO UNIVERSIDADE FÁBRICA

Páginas 3 a 5

“BAIRRO+FÁBRICA+UNIVERSIDADE”, VELHO SONHO DO PROF. JOSÉ QUEIROZ E DE UM GRUPO GRANDE. DESDE QUE ASSUMIU A DIREÇÃO DO INSTITUTO DE ESTUDOS ESPECIAIS ESTE ENCONTRO ESTÁ SENDO GESTADO, ALÉM DE CORRESPONDER A UMA NECESSIDADE DAS BASES POPULARES. CONTOU TAMBÉM COM A PRESENÇA DE D. CELSO QUEIRÓS (REPRESENTANDO D. PAULO), A REITORA E VICE-REITOR COMUNITÁRIO DA PUC.

O SIMPÓSIO “COMUNIDADE E PARTICIPAÇÃO” FOI UM SIMPÓSIO DIFERENTE. DESTA VEZ O POVO FALAVA E OS POUCOS INTELECTUAIS OUVIRAM MAIS. O QUE SE PRETENDIA ERA ASSESSORAR OS TRABALHOS REALIZADOS DE UM LADO NA FÁBRICA E DE OUTRO NO BAIRRO. COUBE À UNIVERSIDADE REFLETIR E SITUAR HISTORICAMENTE OS MOVIMENTOS DE ONTEM E OS DE HOJE.

NO PRIMEIRO DIA, SÁBADO 5/8, FORAM ABORDADAS AS GREVES OPERÁRIAS DE 68 E DE 73. NO DOMINGO, 6/8, BUSCOU-SE APROFUNDAR O SIGNIFICADO DOS MOVIMENTOS DA “PANELA VAZIA” (1953) E O DO “CUSTO DE VIDA”. AS COLOCAÇÕES FORAM FEITAS POR GENTE DO POVO DA PERIFERIA SEGUIDAS DE ANÁLISES PROPOSTAS PELOS PROFESSORES FRANCISCO WEFFORT E JOSÉ ÁLVARO MOISÉS.

AO FINAL, AS QUASE 50 PESSOAS DECLARARAM-SE SATISFEITAS COM O ENCONTRO ENTRE AS PESSOAS, APROFUNDAMENTO DOS TEMAS (EMBORA ALGUMAS PALESTRAS CANSASSEM) E A ASSESSORIA FORNECIDA. FOI PROPOSTA UMA CONTINUIDADE PARA ESSE TIPO DE TRABALHO PROCURANDO SIMPLIFICAR MAIS AINDA A LINGUAGEM E SE APROXIMAR DA PROBLEMÁTICA CONCRETA DA VIDA DO POVO.

CRIANÇAS INVADEM A UNIVERSIDADE, EXPULSAM AUTOMÓVEIS, ETC, ETC...

A PUC já tem seu maternal. Querendo ver, é só você atravessar a Monte Alegre e dar uma chegada no número 961.

Logo ao atravessar o portão é possível que uma coisinha sorridente, de bochechas vermelhas chamada Daniele pule no seu colo dizendo: "Oi!". Ela é a relações-públicas da creche. Ao todo são 8 tias, mais a Judite que cuida da limpeza e a "Tia Nastácia", Dona Cândida que cuida da cozinha. "Dá água, tia!" a invasão é permanente e deixa Dona Cândida de cabelos brancos. "Se não pedir a Deus, acabo louca. Ajudei a criar 8, mas perigo eu perder a paciência. É melhor lidar com criança do que com certos adultos. Elas invadem a cozinha, aqui é encantado, toco elas pra fora, de repente vem todo pedreiro suco, água. Sou a Mamãe Dolores daqui".

Contudo, a creche é muito bem organizado, cresce cada vez mais "já tem uma aluna grávida de mês e meio que reservou vaga") e conta com 40 pequenos "inquilinos" em 2 turnos.



"SE UM GRUPO TOPAR, A GENTE FUNDA"

Tudo começou com uma mãe que trabalhava de secretária dos profs. Joel e depois Casemiro. Ela não conseguia conciliar-coisa muito natural — o Tempo Integral na Universidade com suas atribuições (atribuições?) de mãe. Daí ela sondou o ambiente e viu que a idéia de uma creche teria acolhida, apesar de aparentemente inviável devido à situação financeira da PUC. Em setembro do ano passado, a profa. Cleide (Psico-Básico) foi falar na Reitoria. Pe. Edênio deu a resposta: "se um grupo viabilizar, tudo bem. Essa idéia já foi defendida antes, mas ficou no papel".

Foram distribuídos 150 questionários e 80 tiveram respostas entusiasmadas. A idéia simples do início era um lugar onde as crianças ficassem com segurança. Mas as mães foram sugerindo mais coisas: o trabalho não seria voluntário, precisava pessoal especializado. Após a previsão de gastos e de local, a aprovação da Reitoria chegou

em fevereiro deste ano e dia 13 de março começou a funcionar.

CRIANÇAS ALTAMENTE QUESTIONADORAS

O ambiente físico foi um problema crucial. A casa do nº 961 só foi desocupada pelo vestibular agora dia 7 de agosto. Foram adaptadas as salas da antiga Gráfica, e o local foi aprovado, dispondo de muito sol — até no inverno — e arejamento.

"Ainda não está esclarecida a relação da Creche com a Universidade, diz a professora Cleide. Às vezes cobram serviços de algum transporte extraordinário ou de oficina. De início ficou combinado que a Creche não daria prejuízo, daí a cobrança de taxas aos pais. A Fundação São Paulo responderia pelas instalações e contrataria os funcionários. Durante todo o 1º semestre tivemos déficit mensal de Cr\$ 4 mil, mas foi devido a algumas funcionárias que pagavam taxas simbólicas para terem seus filhos aqui. Acho isso certo: com Cr\$ 2 ou Cr\$ 3 mil por mês a taxa integral pesaria muito no orçamento. Se não fosse essa bolsa-creche a situação se equilibrava, o que vai acontecer agora no 2º semestre apesar de tudo, pois cresceram as inscrições."

"Eu pretendia me retirar aos poucos, diz Cleide. Mas estou muito envolvida na orientação geral. Nas reuniões semanais que a equipe faz, discutimos os problemas que surgem. O principal é a agressividade das crianças, algumas não admitem regras, são altamente questionadoras: acho que elas seriam aprovadas no Básico na hora... Nessas reuniões contamos com a ajuda gratuita do Prof. Di Loretto, psiquiatra com experiência em creches na periferia.

MÃES E FILHOS

"Desde o início a gente contava com a participação das mães, diz Cleide. Vamos montar um conselho diretor, representando todos os setores e elaborar um Regimento Interno. Já fizemos 3 reuniões com as mães, elas foram colaborativas, compreenderam os problemas (por exemplo, só agora pudemos comprar uma vitrola). Ainda não estão bem definidos os papéis dentro da creche, até onde vai a mãe: teve gente que chegou a bater bife na cozinha, fazer almoço lá. Por outro lado, a gente dá liberdade para a mãe formar o horário da criança, misturando algumas manhãs, outras tardes, etc: isso não tem em outras creches por aí".

Perguntada sobre as crianças, Cleide se anima toda: "elas são uma delícia. Fazemos o possível para não podar sua energia mas damos condição para elas a colocarem para fora, em recreação variada, balanços, areia, desenho. Nosso objetivo é a socialização de todas as

faixas de idade e classe social. Vemos a criança fazer suas escolhas segundo o grupo, o temperamento. Uma vantagem fundamental é a convivência com outro contexto, dotado de estimulação riquíssima. Se a criança fica em casa, com babá, é o ambiente da casa só, muita TV. A criança chega dependente da mãe, chora. Logo ela está feliz. Para a mãe é uma tranquilidade, embora algumas fiquem frustradas ao ver como o filho se liberta delas".

NÃO QUEREMOS DEIXAR NINGUÉM DE FORA

Marlene Paro, ex-aluna de Pedagogia (e mãe da Débora, de 9 meses) é a diretora da Creche. Ela conta sobre a organização geral: "A gente começou pequeno e está evoluindo: o crescimento é maior que o esperado. Mesmo assim, quem aparecer especialmente, funcionário da PUC será atendido e a gente vai adaptando as vagas, pegando pessoal a mais se for preciso. O Berçário está com muita procura, aumentamos 10 vagas em julho. O problema de espaço ainda é grande, mesmo com a saída do Vestibular agora no dia 7 de agosto. A APROPUC cederá a sala da frente se tiver para onde ir e a gente está conchavando a da UNIPUC, no 2º andar. Vamos usar a área da frente da casa, cercar, para as crianças tomarem sol: elas vão espantar os automóveis (a história se inverte).



AS INEVITÁVEIS PERGUNTAS

Inês, uma das "tias", é aluna de Direito. Ela cuida do Maternal 2 (crianças de 4 e 5 anos) e vem com a blusa toda suja de graxa. "É por causa do abraço das crianças", explica. "Os meninos voltam agressivos das férias, mas este semestre criamos atividades de artes (pintura, colagem) e com jogos (salto em altura, "duro ou mole") além de ensinar a escutar música. As crianças

ficam um pouco filhas de gente e vemos como é difícil educar sem cercear, sem a interferência de valores sociais. Às vezes fico em dúvida quando elas me perguntam sobre sexo, pois a família pode ter orientação diferente. As crianças sabem que existe alguma diferença entre elas mas não sabem qual é exatamente. Diante de uma mãe amamentando, teve gente que perguntou como ela esquentava o leite, foi a coisa mais gozada.

Aqui a gente procura desenvolver a sociabilidade. Ninguém brinca sozinho e a gente estimula a junção do grupo no brinquedo: tem aqui um pneu que somente mais de um consegue mover".

Perguntada sobre acidentes, Inês explica que só houve um: "foi a Alesandra que disse ter engolido um pino. Todo mundo se assustou mas era invenção dela..."

O QUE ACHA A MÃE-FUNCIÓNÁRIA?

Margarida é técnica do laboratório. Além disso é mãe do Rogério do Maternal e da Beatriz do Berçário. Declara-se satisfeita. "As crianças são bem olhadas, têm atividades. O pessoal só não dá banho: a gente deixa marcada num caderninho a hora da comida, algum remédio e eles seguem. Ainda não sei o que se passa direito lá na creche. A gente poderia fazer umas reuniões com as tias que cuidam diretamente, para ter pontos comuns. Sobre sexo eu concordo que se fale. Não tenho ciúme de meus filhos. A linguagem do Rogério melhorou bastante, ele já tem melhor relacionamento com os outros".

E A MÃE-PROFESSORA?

Maria Célia dá Psicologia no Básico e tem Juliana, saindo do Berçário. Para ela a creche é uma forma de a Universidade ser comunidade. "Por mais liberal que seja um casal, o trabalho da mãe é que sofre quando se trata de cuidar dos filhos. Com a creche a gente trabalha muito tranquila. Acho que ela deveria atender mais às alunas também. Da primeira vez, Juliana odiou, se molhou, se mordeu, assustou todo mundo. Eu a tinha deixado sozinha e deu uma tempestade terrível: ela se assustou. Deixei passar alguns meses e agora em julho me dispus a passar 2 semanas de minhas férias com a menina, na creche. Acho boa essa abertura do pessoal. Depois de 6 dias ela já estava habituada.

Gosto de a criança na creche não ser obrigada a fazer coisas: ela pode tomar decisões a seu nível. Juliana está desenvolvendo a fala incrivelmente, o que é um sintoma muito positivo, além de melhorar a socialização com outras crianças e com adultos".

GREVES +



ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DE PARTICIPAÇÃO EM FÁBRICA

Anísio Batista fez a primeira colocação acerca de como se deu a greve de 73 na Vilares. Foram enfocados aspectos como o papel da comissão de fábrica, os objetivos do movimento, como o sindicato entrevistou e esvaziou a greve.

“A MAIOR CHIADREIRA ERA POR CAUSA DO SALÁRIO”

“A fábrica tinha 3 mil operários, 80% especializados, produzindo escadas rolantes, elevadores e motores para troleibus. Tínhamos lá uma tradição de luta, desde o tempo em que a fábrica funcionava no Centro, perto do Sindicato. A situação geral do operariado era muito parada — só se sabia de um movimento numa fábrica do ABC.

Na Vilares o pessoal estava insatisfeito com aumento de 25% dado pelo governo. A gente pretendia um aumento de 10%, equiparação salarial e melhoria de restaurante.

DAÍ SURGIRAM AS COMISSÕES

A gente entendia que o trabalho de fábrica deveria funcionar em cima de comissões, para esclarecer a turma sobre os problemas, sindicalizar, fazer abaixo-assinados. Desde 1970 um grupo se reunia, participando da pastoral operária e da oposição sindical. A gente

levava estudos da pastoral, da oposição e jornais para discutir na fábrica, além de elaborar o boletim interno sobre os problemas da fábrica.

Formou-se uma corrente de informações, com gente de todas as seções ligadas ao pensamento da comissão. Cada seção foi ao mestre levar as reivindicações e eles levaram o recado à diretoria. A resposta que veio foi não. Formou-se uma comissão geral da fábrica, de 16 pessoas, algumas até eleitas. Como a comissão não foi aceita na diretoria, a fábrica inteira parou por meia hora. Com uma pesquisa anterior a gente percebeu que não dava para parar direto. A fábrica foi parando mais meia-hora por dia.

SINDICATO: ÁGUA NA FERVURA

Os operários estavam fortes, a diretoria percebeu. O sindicato foi chamado e se reuniu com diretores e a comissão. Nada feito. Foi convocada uma assembléia no sindicato e compareceram umas mil pessoas. O pessoal aceitou uma trégua de 4 dias, contra o pensamento da comissão. O pessoal aceitou uma trégua de 4 dias, contra o pensamento da comissão. Durante esse tempo os puxa-sacos foram trabalhados, deixaram as máquinas ligadas: isso esfriou o ânimo dos indecisos. No fim da trégua, o sindicato falou que o governo não iria permitir o aumento. Tentou-se uma parada mas poucos aderiram. Os caras que se destacaram foram dispensados. Mas a produção continuou lenta durante dois meses. A diretoria concedeu 24% parcelado em 3 anos, só que a última parcela de 8% até hoje não veio. Além desse resultado parcial, a turma conseguiu uma melhor organização da oposição sindical.

DEBATES

Após a exposição, os presentes aprofundaram os debates. A diferença entre as greves de 73 e as de 78 não foram propriamente de organização interna. Em 73 havia maior arrocho salarial e sindicatos mais controlados, além da classe empresarial estar mais coesa. Em 78 a classe dominante está mais dividida, há um avanço dos movimentos populares de bairro e periferia, além da manifestação de outras camadas como a Igreja, os sindicatos estão mais combativos. Também, já não se tem mais aquela expectativa de vida ilusória, o pessoal está mais decepcionado. Ainda em 78 duas coisas contribuíram para o clima propício: a discussão trazida pelas eleições sindicais e também a sobra das movimentações estudantis do ano passado (ao vê-las, os operários se perguntavam: “se eles, que são filhos de papai, estão reclamando, nós temos mais razão”).

Em 78 a luta foi organizada durante a luta. As comissões são fundamentais, sendo bem vistas pelos colegas (chegam a levar problemas pessoais para as comissões). Os sindicatos, ao contrário são identificados como pelegos. O problema da comissão é evitar a manipulação, construir um programa mínimo, base para futuro trabalho inter-fábricas.

1968 — GREVES EM OSASCO E CONTAGEM

O Prof. Francisco Weffort procurou fazer uma análise retomando também as questões levantadas pela discussão sobre a greve na Vilares-73.

CONJUNTURA POLÍTICA

“A conjuntura política explica muito as coisas. Em 68 temos a passagem do governo Castello Branco para Costa e Silva. Este entendia que se passaria da fase crítica à fase construtiva da Revolução. Sinal disso é que Costa e Silva aceitou governar segundo a Constituição de 67 e que apesar de tudo impunha alguns limites ao Executivo. O Ministro Jarbas Passarinho pretendia uma renovação sindical e fim das intervenções do governo. Economicamente a inflação, que começara em 1961, estava em seu ponto mais baixo. Depois de 64 a política de arrocho tirou mais ainda o valor real do salário que em 3 anos cai em 35%, além da tendência ao desemprego. Da parte operária, havia o MOVIMENTO SINDICAL ANTI-ARROCHO (MIA) que evitava a palavra greve, solicitando melhorias ao governo. Contudo em Osasco e Contagem os MIA criaram clima para as reivindicações dos trabalhadores.

PONTOS COMUNS

As empresas que mais participaram do movimento foram de metalúrgicos: Mannesman em Contagem e Cobrasma em Osasco. Contagem teve movimento semelhante ao do ABC-78, obtendo 12 mil adesões, chegando a negociar com o governo. O sindicato foi secundário, atuando mais as lideranças dentro das fábricas. Osasco por sua vez se isolou, sendo reprimido com ocupação militar. Em todos os movimentos o papel das comissões de fábrica foi vital.

O movimento em Osasco tinha sua história: a campanha autonomista come-

CUSTO DE VIDA +

çou em 58 — durante o gov. Adhemar — vencendo em 62. Era um bairro maltratado pela prefeitura da Capital, pagava altos impostos e não recebia melhoramentos. A luta pela autonomia influenciou fábricas, escolas, elegeu vereador, contando com a participação da AÇÃO CATOLICA OPERARIA e a FRENTE NACIONAL DO TRABALHO. Como Osasco é bairro operário, o que acontecia na fábrica refletia no bairro. A comissão da Cobrasma nasceu em 62 por iniciativa de cima para baixo mas um anseio de baixo também, do pessoal da FNT.

COISA LOUCA

Como era o clima em 68? Depois de 7 anos de inflação, parecem que não havia mais solução econômica. A Teoria do Estancamento ganhava popularidade: previa-se o fim do capitalismo, a única alternativa era a revolução socialista. Se até Celso Furtado, tido como reformista, defendia essas idéias, que dirá os setores radicais? Na mente das pessoas havia também a imagem falsa de 7 jovens que desembarcaram, subiram um morro e fizeram a Revolução Cubana. Este clima voluntarista influenciou Osasco: "um impacto detonador mais forte derrubaria o capitalismo". Outro erro em Osasco, segundo Waldemar Rossi, metalúrgico (da Comissão Justiça e Paz), foi querer imitar os modelos de greves francesas de maio de 68, especialmente da Peugeot.

QUESTÕES

Dos fatos, saem 3 questões que seria importante aprofundar: — Como combinar a ação na fábrica com uma ação que passa por um Sindicato dependente do Estado? (Só para se ter uma idéia da importância da questão, em Contagem, quem respondia pelo movimento eram os grupos de trabalhadores. Na hora da negociação, tinham que ir ao Sindicato).

— Qual a possível relação entre movimentos operários, populares e de outro lado a política partidária? (A greve em Osasco foi em julho. Antecipou-se pois o dissídio seria em outubro, o que facilitaria novas adesões. Responsável pela precipitação era o clima de "agora ou nunca" de que participaram os intelectuais).

— Qual a possível relação entre as greves de 68,73 e as de 78?

MOVIMENTO CUSTO DE VIDA

Foi feita a comunicação da experiência do movimento por 3 donas de casa e um tapeceiro. O MCV se caracteriza como movimento de bairro, de massa, intimamente ligado ao movimento operário mas distinto dele.

"NÃO DÁ MAIS"

"A gente saiu para as casas, ruas, e hospitais, fazíamos mutirões, falou uma dona de casa. O povo agradecia, levava folhas de abaixo-assinado, até 2 donos de indústrias assinaram. Teve gente descrente que nos chamou de comunista, achando que devíamos ser presos. Pretendemos entregar um milhão de assinaturas às autoridades na praça da Sé".

"Para que serve o MCV? A gente vê que o povo todo é atingido pelo problema dos alimentos — apesar de que o aluguel subiu mais que eles. É um movimento sem dono político ou religioso. Nasceu da experiência da dona de casa que vê seu dinheiro comprar menos coisas na feira. Nos atiramos no meio do povo, encontramos gente de todo jeito: até Tático Móvel encostou. Houve sugestões como "balança-piloto" para verificar o roubo no peso nas feiras. Vimos que o povo se organiza com muita facilidade nessas coisas."

A MULHERADA DESCOBRIU SEU VALOR

"O MCV começou em bairro onde mora o pessoal que foi expulso da roça. Descobrimos muita coisa, a mulherada sentiu que tinha valor, nunca saiam de casa, não tinham ouvido falar de política antes. Mas o pessoal pensa muita coisa por aí, sentiu que podia fazer coisa, enfrentar autoridade (andaram pedindo até assinatura pra policial: "Quem está mandando em vocês?" perguntaram os policiais. — "é a fome" respondeu a turma).

PRIMEIRO PASSO: VENCER O MEDO

O MCV de São Paulo, já está em Recife, Belo Horizonte, Campinas. Já organizamos discussões muito sérias: por que o pessoal tem que sair da roça? Quem manda na indústria? Levamos um tempão para entender a inflação: será que é o salário que a gera mesmo? Consultamos gente de fala difícil, economista, jornalista. Saímos do feijão com arroz para a Política: o problema é da estrutura todinha. Vimos que é possível conseguir de imediato o congelamento dos preços e abono salarial, que isso nem é tão perigoso para estrutura como os grandões falam.

O povo aprendeu a ver a variação nos preços, fazer pesquisa. Os meios de comunicação ajudaram a entender a situação. Um problema é como entregar o abaixo-assinado: quem virá? Algum ministro? Aceitamos gente credenciada? Pensamos no texto do abaixo-assinado durante meses, palavra por palavra, frase por frase. Pretendemos atingir a massa, para que se torne consciente: o encontro vai ser na praça mesmo, ela é do povo. Cada setor vai organizar sua segurança lá na Sé. Se o Presidente não vier no próximo dia 27, vamos mandar dez representantes a Brasília.

E A CONTINUIDADE, COMO FICA?

Nem tudo está claro para o MCV. Será que ele vai parar com a entrega dos abaixo-assinados? Sua oposição deverá ser declaradamente política ou basta permanecer em questões econômicas (que já têm dimensões políticas por si mesmas). Como promover a ligação do MCV com o Movimento Operário? As greves operárias não esvaziam o MCV? O que fazer quando surgem bandeiras mais avançadas que o movimento, tipo "Liberdades Democráticas"? Como o MCV pode ser educativo sem deixar de avançar?

MOVIMENTO DA PANELA VAZIA

Este movimento se deu em 1953. O Prof. José Álvaro Moisés procurou fazer uma interpretação do movimento, a fim de se entender melhor o momento presente.

UM ROJÃO NA PORTA DA FÁBRICA DEU INÍCIO À PASSEATA

No início da década de 50 o contexto político era marcado pelo voto livre e portanto, os políticos eram obrigados a dar satisfação ao eleitorado. O Governador Lucas Garcez teve de receber os manifestantes que foram ao palácio. A "Panela Vazia" foi precedida de pequenas passeatas: dos têxteis, dos metalúrgicos e dos marceneiros sempre unidos aos vidreiros. Ficou combinado que iriam os operários com suas mulheres e filhos batendo nas panelas. Esta grande passeata ocorreu no dia 18 de março de 1953, não era dia de feriado nem propriamente uma greve. Assim, como havia gente trabalhando, na hora da passeata, seria soltado um rojão na porta da fábrica para o pessoal sair. Teve fábricas na Moóca e no Brás que ficaram vazias. A concentração foi no Anhangabaú. Daí todos foram à Prefeitura e ao Palácio do Governador. Batendo nas panelas.

INFLUÊNCIAS: GETÚLIO, ESQUERDAS E JANISMO.

A "PANELA VAZIA" sofreu influências do populismo getulista, das esquerdas e do janismo (tendência considerada de direita mas que apelava para a participação popular, dando-lhe símbolos e slogans para identificação do povo e das Sociedades Amigos de Bairro-SABs)

O janismo nasceu nas periferias. JQ visitava basicamente as oficinas da CMTC e fábricas denunciando na Câmara dos vereadores os abusos. Era apoiado pelas SABs e a elas dava força. Logo depois JQ se candidatou a prefeito de SP contra candidatos fortes do PC, de GETULIO e do Governo. Esta eleição Jânio ganhou com 70% dos votos, graças à campanha do "tostão contra o milhão", "recuperar a Periferia", "vassoura na corrupção". A esquerda surgira em 43 confi-

gurada no PC, atuando nos bairros e sindicatos. Durante a 2ª Guerra, EUA e URSS uniram-se contra o fascismo. Quando o conflito terminou, vem a Guerra Fria que teve como consequência entre nós da América Latina a ilegalidade dos PCs. De 47 a 50 o PC tenta derrubar o governo, abandonando a atuação nos sindicatos, contudo a tendência do Movimento era a volta aos sindicatos.

A AÇÃO POSSÍVEL

Apoiado nas idéias de nacionalismo e justiça social, Getúlio se elege e como primeira medida em 52 ele anula a exigência de atestado ideológico para o registro de chapas para o sindicato. Contudo, nem todos os setores estavam cobertos pela ação sindical, o que levou à criação de comissões como aquela contra a carestia, e especialmente para integrar a mulher (por exemplo Maria Sales, tornou-se famosa líder têxtil). Nos anos de 52-53 surgem movimentos de mobilização, pactos de unidade inter-sindical. Quando a esquerda consegue entrar nos sindicatos de novo, o movimento da "Panela Vazia" perde o embalo, transformando-se num mero "símbolo-estepe", para ser usado como chamada para a massa, na falta de melhor palavra de ordem. Outros símbolos semelhantes foram a campanha do petróleo, pela paz e pela mulher. A "Panela Vazia" chegou a ter seus candidatos, que não eram populares, sendo integrados tardiamente no movimento, para fins eleitorais. Estes candidatos se lançaram nas eleições de 53,54 e 55 sendo que neste último ano, JK — candidato a Presidente — conta com as simpatias da "Panela Vazia".

PANELA VAZIA, VAZIA.

Neste momento a "Panela Vazia" termina de vez, após ter mobilizado entre 400 e 500 mil pessoas no Rio e SP. Existem movimentos paralelos de SABs, reivindicações de creches nas periferias, além de comissões de empresa.

A diferença da "Panela" com os movimentos atuais tipo "Custo de Vida" é que tanto a "Panela" como as comissões de fábrica se esvaziaram no momento em que as direções operárias formaram pactos entre si, esvaziando e participação das bases e estrangulando suas formas de agrupamento.

A experiência da "Panela Vazia" nos leva a perguntar pela forma de continuidade desse tipo de movimentos atualmente. Sabe-se que o objetivo do Poder é separar a Oposição. Por outro lado como garantir a unidade dos movimentos sem cair no oposto de uma subordinação a um partido que tiraria a autonomia e criatividade das bases?

Outra coisa para pensar é que a atuação popular — tanto em 53 como hoje — é possível graças à crise institucional das cúpulas. Como criar instituições populares firmes para quando a crise das elites acabar, visto que ela tem muito mais instrumentos para se refazer com rapidez?

INTELECTUAIS...

A UNIVERSIDADE VISTA DE FORA. POR DOIS OPERÁRIOS

PORANDUBAS foi conversar com dois líderes operários, que batalham em frentes diversas. O Anísio Batista, 36 anos, mas com tarimba de muitos anos de janela, torneiro vertical na Toshiba e membro da Oposição metalúrgica, pela Chapa 3. E o "C.D." começou fazendo teatro para seus vizinhos de periferia e agora faz parte da comissão central do Movimento Custo de Vida.

Ambos dão sua impressão, expectativa e dificuldade frente à tão badalada (e problemática) ligação entre Universidade e Povo.

DISTÂNCIA OPERÁRIO-INTELECTUAL

"Ainda vejo o intelectual distante, pois seu nível de cultura é muito elevado. Outra, por mais força que existe na ligação do operário com o intelectual essa união é muito mínima: só pra ver, algumas vezes é que existe um debate como este que estamos fazendo.

Mesmo o intelectual, por mais que se esforce, sua linguagem é diferente do operário. É um problema sério: muitas vezes o operário acha ótimas as explicações do intelectual, mas ele não está à disposição do operário para um trabalho prático, comum.

O operário não acredita muito na maioria dos intelectuais: o pessoal não acredita por exemplo no advogado, porque acha que ele defende mais o patrão. Essa é a idéia que a turma faz do advogado. Mesmo o advogado do sindicato faz um puta conchavo com o patrão. Mesmo advogado da pastoral operária não muda a estrutura lá dentro das fábricas.

ABURGUESAMENTO ESTUDANTIL

Eu tenho a impressão da universidade como uma coisa distinta da gente.

O operário não tem possibilidade de chegar lá, por motivo financeiro. Quem estuda na Universidade é da pequenaburguesia. Por mais que falem que estão do lado do operário, querendo integrar o operário e o estudante, quando se formam, aderem a uma política de sobrevivência, de querer salário muito alto: essas coisas o operário vê.

Por que isso se dá? É porque eles não têm contato com a vida do operário, seus problemas de moradia, modo de trabalho, dificuldade de reagir na empresa, aluguel, filho doente porque a gente ganha pouco.

POR A MÃO NA MASSA

O próprio universitário, por morar em lugar mais privilegiado não sente o problema operário. Mas é muito fácil o universitário sentir o problema porque ele tem conhecimento mais profundo da coisa baseado na história, na cultura. Poderia usar sua cultura para conscientizar o operário, dedicar um tempinho na alfabetização, no madureza e não uma vez por mês, cada dois anos. Só o entrosamento das bases com a Universidade evitaria o problema do estudante depois de formado abandonar suas propostas de lutar junto conosco.

Eu acho que devia haver faculdade operária. Os intelectuais, estudantes e professores, talvez deveriam encaminhar isso. Não sei direito. Ainda é uma idéia abstrata.

PERSONAGEM PRINCIPAL: O POVO

"Sou tapeceiro, moro na Periferia faz 30 anos e já trabalhei outros 15 em grupos de teatro de jovens, na pastoral.

Aprendi a ver o que o povo quer, o que exige".

"Tenho experiência com teatro a nível de bairro. Levamos várias peças de autor. Levamos "Quando as máquinas param", "O Santo Milagroso", "Morte e Vida Severina", aquela do Chicó, qual é mesmo o nome? ("Auto da Compadecida"), "O Escravo". Depois a gente fazia amplos debates com o povo e via o que eles propunham para resolver os problemas. Com tempo, o grupo mesmo montou peças com outros nível, a partir da criação da gente. Daí vieram "A Casa de Pedro" sobre a TV, a propaganda que leva o povo a deixar de comprar o essencial, "Prato do Dia" sobre a alta do feijão e da carne e "Neguinho bom de bola" sobre o INPS. O povo estava muito consciente. Quando toca no problema econômico, eles participam mais".

DAÍ CHEGARAM OS INTERLECTUAIS

"Um outro grupo tinha 20 pessoas, alguns eram universitários, de fora. Eles acharam que os outros não estavam preparados para os riscos que corriam. Já eu achava que a coisa era prática e atraía a gente se aprende o mais importante, com o povo. A gente batalhava por um Pronto Socorro e eles, os universitários, queriam conscientizar o próprio grupo, fechar-se, preparar-se e só então agir. Resultado? O grupo não atuou mais. Neste caso os intelectuais prejudicaram: se eles ampliassem a reflexão tava bom".

A PERIFERIA SE DIRIGE POR SI

"O Povo da Periferia é diferente do povo da Faculdade. Não é todo mundo

que percebe o linguajar deles. Minha opinião é que o intelectual deve estar a serviço da periferia e não tentar dirigir com aquele linguajar difícil. A gente enfrenta problema de córrego, lixo, custo de vida. O estudante devia se colocar a serviço, nas nossas escolas, dar a conhecer os direitos do trabalhador, passar abaixo-assinados, elaborar jornalzinho. Eles também conhecem mais gente, que lida com som, com artistas, etc. Mas nos métodos, na linguagem, nos mutirões, podem fazer o povo ficar desconfiado. Num abaixo-assinado perguntaram se a moça que recolhia era estudante: ela insistiu que não, só então assinaram.

No fundo, no fundo, o intelectual é importante na Periferia mas não escondendo essa qualidade de estudante, tentar se disfarçar é pior. Também ele deve respeitar as bandeiras dos setores populares. Muitos acham que o Movimento Custo de Vida devia estar lá na frente, outros acham que devia estar lá atrás. É um movimento bem elástico: esse bebê ainda mama (sei lá se é feto?). O movimento devia ser a nível nacional porque a política econômica do governo abrange o país todo. Não adianta vir com bandeiras políticas que o movimento ainda não amadureceu. Os abaixo-assinados ainda servem para divulgação do movimento nas bases. Mesmo que o rádio e TV o divulguem, o povo ainda não conhece direito. O que não se pode é peneirar os avançados e os que não são devem se afastar, como se só os politizados fossem importantes. Abrangemos todos, quem não tem arroz, feijão em casa.

Para passar abaixo-assinado, não interessa se é ditadura, democracia. Se o povo estiver unido, com fartura em casa, isso que importa. Ele vê que para conseguir essa fartura precisa mudar o governo e criar participação do povo."

"TUCA VIVO": DEBATE POLÍTICO VOLTA À UNIVERSIDADE.

(Por Luís Galvão)

Dia 9/8, 4ª feira, 21.30h. No TUCA mais de mil pessoas lotaram a parte de baixo do teatro, sentadas até no chão. Na mesa Sílvia Pimentel assumiu a coordenação dos trabalhos, depois que José Queiroz, diretor do Instituto de Estudos Especiais — promotor do debate — fez a abertura. Fizeram uso da palavra Franco Montoro, Marcos Freire, Claudio Lembo e Fernando Henrique Cardoso, Raimundo Pereira, Paulo Rezende e Dom Celso Queiroz.

REFORMAS E DISFARCES

"Vim ansioso por encontrar o opositor e encontro os companheiros" começou Fernando Henrique, em fala breve. Citou

os pontos principais de sua campanha e deu graças a Deus porque o Gen Figueiredo afirmou que as idéias de ambos não coincidem.

Marcos Freire analisou as reformas do governo e o poder ilimitado do Executivo. Este pode decretar o Estado de Emergência de maneira arbitrária: "as reformas políticas visam a dar uma roupagem constitucional ao arbítrio". Também foi apresentado o "Emendão" de sua autoria junto com o sen. Teotônio Vilela.

A PRESENÇA DA ARENA

Em meio à fala de Montoro chegou Claudio Lembo, enfrentando clima adverso. O senador emedebista seguiu afirmando que

"não fará justiça ao povo quem dele tirar o voto". Além disso, analisou os movimentos atuais de oposição.

Lembo, por sua vez professou sua fé no neo-liberalismo, pois "este país está cansado do arbítrio. Aceitei a presidência da Arena porque naquela época ninguém mais a aceitaria".

NEO-LIBERARISMO, NEO-ARENISMO NEO-FACISMO

Paulo Rezende provocou Lembo a — já que é tão liberal — assinar a emenda Montoro contra a Lei Falcão. "Se Claudio Lembo tem tais crenças democráticas,

então encontra-se deslocado na Arena. No Brasil, prossegue Paulo Rezende, chegamos a um estágio de ser necessário um soldado para cada cidadão".

Raimundo Pereira fez uma colocação classificada como "desabafo" por Lembo devido à perseguição sofrida pelo "Movimento". Disse o jornalista que o neo-liberalismo para ele tem outro nome: neo-fascismo.

Dom Celso disse respeitar os projetos tanto da Arena como do MDB. Contudo ressaltou que o processo de associação do povo numa luta por melhores condições de vida — que ninguém ganha de mão beijada — é que deve reger a elaboração dos projetos políticos.

Tudo começou com o Fantástico. Ao sensacionalismo foi adicionada uma pitada de diretividade e o assunto enveredou por caminhos sinuosos, apelando até para o IBOPE. Estava provada a validade da educação sexual nas escolas.

Apesar de não ser a educação sexual o problema principal que nosso sistema educacional amarga, "autoridades" como a Rede Globo nos levam a tratar do assunto só que dentro de uma visão educacional.

O QUE A EDUCAÇÃO SEXUAL NÃO É

Muitos confundem educação sexual com a postura adotada perante a atividade sexual precoce do jovem. Os adultos se esquecem que desde cedo a criança já tem intensa atividade sexual, encarada como perversa ou impulsividade incontrolada. Ou então, educação sexual se resume àquelas "conversas esclarecedoras" que se tem com o filho adolescente. Pode significar também ensinar o filho a ter (e a filha a não ter) relações sexuais. Finalmente, há quem identifique educação sexual com aula de Biologia ou de Ciências.

O homem é um ser em crescimento. Percebemos seus aspectos mais exteriores e esquecemos de observar outro tipo de desenvolvimento. É o desenvolvimento psico-sexual, intimamente relacionado a fatores biológicos, sócio-culturais, familiares, sócio-econômicos. Os 3 últimos fatores participam do desenvolvimento psico-sexual com pesos diferentes, conforme a fase da pessoa.

FASES DE MATURAÇÃO

Freud distinguiu três faixas na sexualidade: pré-germinal (até os 5 anos), latência (até 12 anos) e puberdade. As interpretações atuais também reconhecem 3 fases:

1. As exteriorizações sexuais no recém-nascido e na criança pequena são independentes de influências sociais ou de processos de aprendizagem. Estas exteriorizações têm princípios instintivos com origem nas excitações de base cerebral ainda não inibidas.

2. Na criança maior o comportamento sexual já sofre influências sociais. Na média infância, as exteriorizações baseiam-se em costumes genuínos e na pré-puberdade são dirigidos mais por processos hormonais.

3. Na puberdade, os instintos de base cerebral são ativados por hormônios: a sexualidade torna-se biologicamente funcional.

PRIMEIRO MANDAMENTO: EVITAR COMPETIÇÃO

Ao educador cabe compreender a criança na sua sexualidade. Compreendê-la significa aceitar que a sexualidade que aflora não é má, merecedora de castigo, mas fruto de um processo sadio

SEXO SE APRENDE? NA ESCOLA?

PAULO AFONSO CARUSO RONCA

ORIENTADOR EDUCACIONAL E ALUNO DO PÓS.

e inevitável. A este respeito é importante notar que: — no momento de uma orientação é preciso levar em conta que o desenvolvimento psico-sexual é decorrente de fatores hereditários e ambientais. — a maturação psico-sexual é um fenômeno pessoal. Existencial. Único. — Não há ligação obrigatória entre a maturidade psico-sexual e a idade cronológica. Assim, cada um terá seu amadurecimento situado numa elasticidade de baixa etária.

— o desenvolvimento psico-sexual está intimamente ligado a todo o desenvolvimento humano.

Em nosso mundo, extremamente comercializado e competitivo, observa-se a tendência de não respeitar a singularidade deste processo: *Por que meu filho não se masturba, se seu primo já o faz?* ou *Por que meu filho não mantém relações sexuais, se todos os moços da sua idade já mantêm?* Parece que a atitude sexual dos filhos quase sempre fere as expectativas dos pais. Daí vêm a confusão e a insegurança tão comuns: *"Se a criança se masturba é porque se masturba demais, caso contrário está com algum problema"*.

Reprimir a sexualidade com violência, repudiá-la moralmente ou incentivá-la gratuita e precocemente é promover futuros danos mentais. O desenvolvimento da criança deve dar-se sem medo ou sentimento de culpa. Na fase da latência, os pais e educadores devem entender como normal a renúncia temporária à sexualidade no jovem, a fim de liberar energias para outras realizações sócio-culturais. A reflexão e o diálogo são meios para o jovem se conhecer e

formas de os educadores abordarem a sexualidade que brota. Portanto é preferível o papel de orientador ao de interventor.

SEGUNDO MANDAMENTO: UM ORIENTADOR VALE MAIS DO QUE DEZ INSTRUTORES

Segundo Carl Rogers, o interventor dirige a capacidade de reflexão podendo até anulá-la. Ele molda o processo educativo segundo suas expectativas, quase sempre baseado na experiência própria que quer empurrar para o educando. O orientador por sua vez, observa o processo, desenvolvendo no educando a capacidade de reflexão e auto-conhecimento estando aberto até para correr o risco de escolhas existenciais junto com o educando.

Voltando ao "FANTASTICO Sua "grande novidade" era a necessidade urgente de se implantar a educação sexual nas escolas. Parece-me que a coisa não está clara. Faz tempo que nas aulas de Biologia e nos atuais "Programas de Saúde" são dadas noções fundamentais sobre o corpo humano e suas diferenciações básicas, ato sexual, ovulação, parto, etc. Nestes campo há excelentes professores de Biologia. Contudo, não é apenas isto que entendemos sobre educação sexual e que foi tão simploriamente pedida pelo programa de TV aos nossos educadores.

TERCEIRO MANDAMENTO: A PESSOA TODA

É evidente que não se forma a personalidade de alguém através de aulas ou de didática refinada. Também não é com esses meios que alguém se desenvolverá harmonicamente em sua personalidade. Meras aulas de Biologia ou de "esclarecimento sexual" me lembram certos pais que, nunca "presentes" na vida do filho, o chamam na altura dos seus 14 anos e em voz baixa o convidam para "ter uma conversa esclarecedora".

O psicólogo Walter Scharml entende a educação sexual como uma consequência inequívoca da psicologia do desenvolvimento da psicosexualidade. O que existe então é uma educação da personalidade, da qual a sexualidade é fator integrante e funcional.

Cai por terra portanto a mera instrução sexual do mesmo modo que não tem sentido a História factual, a Matemática instrumental, a Geografia "decorativa". Urge que se leve os alunos à compreensão do significado real e sadio da sexualidade em suas vidas. Assim, os jovens serão levados a compreender a validade de escolhas autênticas e assumidas e sobretudo o conteúdo vivencial da sexualidade.

...E COM VOCÊS, O ORIENTADOR EDUCACIONAL

Na escola caberia ao Orientador Educacional desenvolver um processo inteligente e maduro de educação sexual.

Mas, se observarmos as declarações de autoridades brasileiras sobre o assunto feitas durante o programa de TV, veremos o descrédito acerca deste profissional:

-o Sr. Euro Brandão, engenheiro e Ministro da Educação foi contra a orientação sexual nas escolas: *"deve ser uma ação sacerdotal"*.

-o Sr. Jarbas Passarinho, advogado, ex-Ministro do Trabalho e da Educação mostrou-se preocupado *"com a formação e atuação deste professor sobre quem recairia a nobre missão de ensinar o sexo"*. Ao que parece ele não acredita muito na formação dada pelas muitas faculdades abertas durante sua gestão... — O Sr. Coutinho Nogueira preocupou-se: *"Educação Sexual sim, mas cuidados de não serem permissivos"*.

Só por aí vemos o desconhecimento e descrédito quanto à função do Orientador Educacional, extensivos a todos os intelectuais de nossa terra.

Enfim, numa questão séria como a que tratamos, é importante não nos colocarmos apenas "a favor ou contra" deixando-nos levar por estatísticas fajutas. É preciso estudar o assunto, observar suas nuances, refletir sobre suas dimensões. Neste sentido, talvez as autoridades pudessem destinar uma terça parte dos 80 mil gastos com nossos profissionais da bola na Argentina. Assim, em vez desses Fantásticos da vida, um grupo de pedagogos talvez pudesse realizar um estudo profundo a respeito...

EX-ALUNOS: BATALHA QUE VALE A PENA

"Associação de ex-alunos? Ora, isso é coisa do passado: depois da formatura quero ver a Faculdade pelas costas!"

Esse pensamento deve ser o responsável pela dificuldade de se encontrar gente formada que queira reunir-se numa Associação. Contudo há um grupo teimoso que com entusiasmo tenta reunir os Ex-Alunos da PUC, além de distribuir bolsas com a maior facilidade. Com a palavra a Profa. Ana Maria Marques Cintra, presidente do UNIPUC, antigo SASS-PUC (Sociedade dos Amigos do Sedes Sapientiae).

NOSSO LEMA: EDUCAÇÃO PERMANENTE

"A Associação de Ex-Aluno começou na antiga Faculdade Sedes Sapientiae, mais tarde agregada à PUC, graças ao entusiasmo da Madre Olívia. O tempo áureo foi a década de 60, quando eram promovidos cursos de reciclagem para professores nas áreas de matemática, línguas e biologia. Muitas bolsas foram oferecidas, às vezes eram reembolsadas e outras a coisa ficava por isso mesmo. O entusiasmo fez a coisa toda se centrar muito na Madre Olívia. O movimento crescia assustadoramente e a própria Madre foi delegando responsabilidades a outras pessoas. Seu grande

sonho era de integrar toda a PUC: ela foi uma ardorosa da mudança do nome pois a Sede Sapientiae era uma antiga faculdade feminina e o nome SASS podia afastar. O nome passou para UNIPUC no final do ano passado".

NÃO HÁ MENTALIDADE DE ASSOCIAÇÃO DE EX-ALUNOS"



Ana Cintra reconhece a dificuldade de reunir o pessoal de todas as áreas. "Não sabemos o que falta, mas não há grande motivação, nem mentalidade.

Penso que cabe a nós criá-la. A gente percebe o pessoal formado com vontade de aparecer, aquela saudade mas na hora H não aparece, não se insere. O ex-aluno poderia ajudar a re-pensar o papel do profissional para a formação das novas gerações. A gente continua lutando porque acha que vale a pena. A PUC é meio diferente.

Aqui há uma aproximação fácil entre as pessoas, para discutir, trocar informação, orientação. Isso a gente não encontra em outras universidades, em geral.

Assim, a gente pensou que em vez de ficar perdendo tempo com fichário, devíamos entrar em contato com o ex-aluno pondo-o a par do cotidiano da PUC. Por isso mandamos o PORANDUBAS para cerca de mil pessoas, todo mês. Vamos rever essa remessa porque muita gente que ainda está por aqui também recebe o PORANDUBAS, sem necessidade".

A JUVENTUDE ESTÁ SEM GARRA OU É O FUTURO QUE NÃO TEM ESPERANÇA?

"O problema das bolsas me assustou, confessa Ana Maria. A gente pensava levantar 150 mil cruzeiros e dar em bolsas. Vários estudantes foram procurados mas não aceitaram bolsa ao sabe-

rem que teriam que devolver a bolsa a outro aluno, depois de formados. Começamos a pensar se a garra da juventude estaria embotada ou se os jovens estariam descrentes de suas possibilidades de campo de trabalho profissional? Acharmos que o problema não é o mesmo da juventude mas da própria realidade brasileira: "o presente ainda é melhor que o futuro".

Ainda assim, quem quer bolsa, o re-embolso é regra, para evitar o paternalismo: não foi brincadeira conseguir os primeiros bolsistas. Esta reposição não é com promissória, a necessidade é verificada de maneira elementar: é preenchido um formulário e um compromisso moral de a pessoa repor no prazo máximo de 5 anos depois de formada, para um aluno nas mesmas condições, o benefício recebido. (Por exemplo se foi paga a anuidade de um 2º ano de Pedagogia, ou Medicina, a reposição será feita nas mesmas condições). Nós convocamos os ex-bolsistas e um número expressivo apareceu".

"NÃO SABEMOS FAZER SHOW"

"Já foram tentadas formas de reunir ex-alunos e conseguir fundos para as bolsas. O primeiro show deu certo: foi uma sessão de jazz em 76. Já o chorinho do ano passado só deu pra despesas: para nós que não somos profissionais, é mão de obra demais.

Uma idéia que vamos tentar é a promoção de ciclos, debates de interesse do pessoal formado. Dia 22 de Agosto faremos uma homenagem a Dom Benedito, o primeiro doutorado pela PUC em 1953 e também à profª Maria Antonieta Celani, que foi do antigo Sedes, recém agraciada como "Officer of the Order of the British Empire".

PARTE DOM BENEDITO

(WANDA ROSA BORGES)

DOM BENEDITO DE ULHOA VIEIRA



Está de partida para Uberaba.

No dia 11 de julho a Comunidade Universitária de SP teve a surpresa da

nomeação de seu Bispo para a Arquidiocese de Uberaba.

QUEM É DOM BENEDITO

Nasceu em Mococa faz 57 anos, filho do sr. José Teodoro e Dona Leonor. Fez o curso de Humanidades no Seminário de Pirapora e estudou Filosofia e Teologia no Seminário Central do Ipiranga. Também aluno da Fac. São Bento (Letras Clássicas) e da PUC. Após a ordenação sacerdotal doutorou-se em Teologia na Fac. N. Sra. da Assunção, defendendo a tese: "A Consumação Soteriológica na Epístola aos Hebreus — Teologia de S. João Crisóstomo".

VIDA DE PADRE

Sua ordenação deu-se a 8/12/1948 na Basílica do Carmo, pelo Card. Motta.

Foi Vigário Cooperador, capelão das Irmãs de S. José, ocupou vários cargos no Seminário do Ipiranga chegando a ser Reitor. Na PUC foi Professor, Capelão Universitário e Vice-Reitor.

Em 71 foi chamado para Vigário Geral de SP por D. Paulo Evaristo, que o ordenou Bispo em 25/1/1972. Foi Procurador Geral da Mitra Arquidiocesana por 5 anos. Desde 75 assumiu a região Episcopal da Lapa instalando aí a Cúria Regional que atende a 43 paróquias reunidas em 6 setores.

PUBLICAÇÕES E CURSOS

Além da tese acima, publicou um Missal Dominical de co-autoria do Pe. Donato Pasquarelli (12 edições): "Nossa Incorporação em Jesus Cristo" além de "A Santa Missa conhecida, participada, vivida" (círculos de estudos); "Mensagens"; "Palavras-amizade e fé". Publicou estudos sobre "Escrúpulo Religioso" e "Reanimação" como participações em Congressos de Psicologia e de Medicina.

Na PUC foi:

- Professor na "Sedes Sapientiae" (1953-1971)
- Professor na "São Bento" e na Paulista de Direito (1954 até hoje)
- Capelão Universitário (1954-1958) e Pároco Univ. (1967-1970)

— Vice-Reitor (1968-1972) tendo exercido a Reitoria em duas ocasiões.

— Como Bispo foi membro do Conselho Deliberativo e Conselho Superior de Administração e Finanças da PUCSP.

O AMIGO "PADRE BENEDITO"

De palavra fácil e convincente, deixou marcas profundas de amizade entre alunos e professores. Sabe melhor que ninguém, fazer-se presente sobretudo nos momentos difíceis. Sua fidelidade é carismática, mostrando a cada amigo que entre todos, "ele" é o mais importante, o "único"... A idealização e construção da Casa Paroquial é obra sua. Dinâmico, firme, profundamente humano, "Padre Benedito" teve o des-cortínio de definir diretrizes seguras para um trabalho de Igreja no meio universitário. Deixa grande saudade, mas esperamos que continue acesa sua chama de busca de novos caminhos.

Por tudo o que ele nos legou e é, gostaríamos de agradecer. Partindo para Minas permanecerá conosco, pela amizade, pela prece e pelo *testemunho vivo* que marcou sua presença.

